

Como a pesquisa específica de gênero em História Antiga nos desperta para a sua pluralidade?

Bruna Gonçalves de Barros

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS) e bolsista CAPES

Renato Viana Boy

Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS)
renato.boy@uffs.edu.br

1. Introdução

O estudo de gênero na Grécia Antiga permite, para além de analisar divindades femininas e respectivas idealizações para as mulheres atenienses de grupo aristocrático, perceber outras existências do feminino no mesmo período. Por meio da definição do conceito proposto por Joan Scott, identifica-se o gênero enquanto uma construção social, ao passo que o estudo do feminino em Atenas revela sua multiplicidade.

Na *pólis* ateniense, profundamente marcada pela religiosidade mitológica, tal percepção divide-se entre o real e fictício, permitindo uma análise singular. Por um lado, sobretudo dentre o grupo de mulheres aristocráticas e equiparando-as ao grupo mítico feminino de prestígio, parece prudente pensar como essas idealizações femininas surgem sendo projetadas a partir de arquétipos divinos, enquanto moldes de comportamento e papéis sociais. Por outro lado, em contraste com a *mélissa*, há aquelas mulheres que estão em Atenas, mas não são de Atenas. As estrangeiras são “as outras”, grupo feminino desprovido de prestígio, podendo ser classificadas como feiticeiras no campo do real e também do fictício, como Circe e Medeia, trazendo à tona complexidades adicionais.

Portanto, ao se pensar como os arquétipos divinos influenciavam a visão das mulheres de existência física real – contrastando com a posição submissa comumente associada –, desdobram-se possibilidades. Diante de um estudo que analisa feiticeiras do campo fictício, mulheres míticas, estrangeiras na Grécia Antiga, torna-se ainda mais interessante refletir sobre quais possíveis diferenças ou similaridades que surgem entre grupos distintos. Assim, as mulheres atenienses opõem-se em muito sobre as estrangeiras e vice-versa, ocorrendo o mesmo no campo mais puramente fictício. A mitologia grega, nesse sentido, ajudava a moldar percepções sobre o que significava ser uma mulher dentre as suas categorias, diferenciando-as e destacando a alteridade

presente no feminino.

Desse modo, objetiva-se, por meio deste estudo, promover a reflexão sobre a pluralidade do feminino na Grécia Antiga, tanto por meio do campo real, quanto do fictício. Para tal, constrói-se uma reflexão que vai de um grupo de mulheres mais privilegiado e devidamente ateniense a outro menos privilegiado e estrangeiro. Assim sendo, por meio da compreensão de arquétipos, expectativas, alteridade e percepções acerca do feminino na Grécia Antiga, são as similaridades e diferenças contrastantes que possibilitam ampliar o entendimento sobre as múltiplas existências do feminino na antiguidade grega, revelando a complexidade das interações entre mito, concepções de gênero e arquétipos mitológicos.

Assim, o estudo se justifica pela relevância de compreender como os mitos moldavam percepções na civilização antiga ao consolidar e reforçar estereótipos, especialmente em papéis atribuídos às mulheres, definindo as fronteiras do aceitável e do temido na figura feminina. Do mesmo modo, contribui para debates atuais ao evidenciar como a construção de gênero se constitui historicamente, sendo marcado por categorias que reforçam estereótipos ou os desafiam por meio das diferentes “existências do feminino”.

2. Metodologia

A presente pesquisa bibliográfica tem como método uma abordagem que combina análise historiográfica, teórica e comparativa para investigar as representações femininas na mitologia grega e sua relação com as percepções de gênero e alteridade na Grécia Antiga. Por meio de levantamento, fichamento, leitura e análise, possibilita-se desenvolver uma redação de mitologia e gênero. Sobretudo, a pesquisa qualitativa aqui esboçada vale-se de passos metodológicos de análise historiográfica das fontes primárias, utilizando-se do referencial teórico para revisar o conceito de gênero segundo Scott e demais informações acerca da civilização antiga, analisando de forma comparativa os diferentes femininos e, especialmente a interpretação das relações entre magia e gênero, para alcançar uma discussão crítica do assunto. Nesse sentido, o grupo privilegiado de mulheres da antiguidade clássica levou a análise do feminino considerado transgressor, sendo o principal foco de análise enquanto feiticeiras, estrangeiras e, sobretudo, mulheres. Integrando-se às análises historiográficas e teóricas, busca-se responder tais questões. Portanto, essa metodologia, ao abordar as fontes mitológicas por meio de uma perspectiva de gênero e alteridade, visa esclarecer como as representações de feiticeiras e estrangeiras na mitologia grega refletiam tensões sociais e culturais sobre o feminino e a diversidade, proporcionando um estudo descritivo-analítico.

3. Resultados e discussão

De antemão, é válido destacar a existência de tensão entre a *pólis* ateniense com as demais. Candido (2014) dedica um capítulo para desdobrar a relação entre personagens míticas e mulheres mortais na prática de fórmulas mágicas. Mais que mencionar os ritos realizados para uso de ervas e filtros mágicos – ligado ao saber limitado do funcionamento e necessidades da natureza feminina –, há outros dois tópicos apontados pela autora como um reforço da tradição grega antiga. Primeiro, tais práticas proporcionam certa autonomia e rendimento às mulheres, causando temor aos homens, visto que a tradição grega considerava o feminino um grande mal, intensificado em posse de fórmulas mágicas. Somado a isso, a documentação silenciada de pouquíssimas informações acerca dos procedimentos mágicos revela a animosidade por parte dos atenienses contra os desvios de suas práticas tradicionais.

No que se refere à Esparta, a mencionada rivalidade apresenta-se de forma muito destacada, tal quando Silva (2014, p. 225) menciona como “o caráter inusitado da espartana talvez apenas reflita a necessidade dos autores gregos de criar modelos opostos e conflitantes que justificassem a rivalidade entre as cidades de Esparta e Atenas”. Porém, quando pensamos nas feiticeiras Circe e Medeia, nenhuma das duas são espartanas e esse caráter avesso se mantém.

É interessante perceber, por exemplo, como a deusa Atena é descrita em comparação às feiticeiras. Ménard (1991) refere a patrona da cidade de Atenas como já nascida armada e provida de todos os seus atributos, aquela que quer permanecer virgem para sempre, vencendo Poseidon na disputa de dar nome à cidade que Cécrops recém fundara, guerreira tática ou pacífica, sobretudo, é a divindade que personifica o raio e a inteligência de forma simultânea.

Por outro lado, Homero (2014, p. 293) narra: “E fomos dar na ilha de Eeia, lar de Circe de belas tranças, deusa horrível e canora, irmã germana de Eetes, ânima-sinistra, prole dupla do Sol, luzeiro-de-homens; Persa, a mãe, provinha da linhagem do Oceano”. Estariam os animais de sua mansão enfeitiçados por apavorantes fármacos, como também oferece aos homens recém-chegados. É Circe multifarmacologista que cede a Odisseu somente devido a um outro fármaco provindo do deus Hermes que veio lhe auxiliar, revelando o temor (p. 301) na advertência de “faze-a jurar solenemente pelos deuses não te prejudicar ainda mais, tampouco te desmoralizar ou vilipendiar”.

De modo similar, em Eurípides (2010), Medeia é descrita com base em sua personalidade e mencionando fármacos. Ela é dita terrívelíssima, de fúria fulminante, aquela que sabe como arruinar alguém, engenhosa de língua hábil, altiva que oferece aversão à ordem do rei e sucessivamente. Dentre as passagens da narrativa de Eurípides (p. 145), em dado momento, Jasão acusa “algo

impensável entre as moças gregas”, colocando em prova o quanto as figuras das feiticeiras desafiam e reforçam percepções de gênero e nacionalidade.

Nesse sentido, pensando em mulheres de existência física real, há de fato dois estereótipos. Segundo Andrade (2014) as *mélissai* eram as “cidadãs” propriamente ditas da *pólis*, esposas legítimas dos cidadãos atenienses, atribuindo-se uma nova condição ao feminino que se restringia a um grupo específico, dedicado a atingir padrões de condutas definidoras de seu valor ao seguir expectativas masculinas. Era importante para elas manter certa distinção enquanto mulheres virtuosas atenienses diante das mulheres não discretas, defendendo seu *status* de privilégios matrimoniais reservados à mulher “cidadã”.

Por outro lado, é apontado ainda por Andrade (p. 130-1) como, do contrário da *mélissa* há aquelas dos “dons que são próprios ao feminino, como astúcia na ação, a sedução no diálogo, a lida com o segredo, a vaidade [...], tudo aquilo que faz de uma mulher ‘feminina’, não mais a ‘alma viril’”. As mulheres descendentes de Pandora seriam as possuidoras dos atributos propriamente femininos, sendo especialmente a sedução, mas também o segredo, emoção e o caráter ambíguo, características banidas do universo dos homens livres cidadãos.

Sem nenhuma pretensão de desdobrar a questão envolta na figura de Pandora e como, em princípio do mito, todo o feminino se origina dela (independente de quão virtuosa for a mulher), o que vale destaque é a informação trazida por Andrade ao mencionar o quanto as atenienses lutavam contra a apropriação indevida das estrangeiras do estatuto das cidadãs.

Segundo Candido (2014, p. 156-7), a prática do conhecimento de ervas estendeu-se das mulheres míticas às mortais sacerdotisas, participantes de cultos em adoração a divindades estrangeiras no uso de infusões, drogas e filtros. Nesse contexto, “as informações provenientes dos oradores nos permitem identificar as estrangeiras como mulheres que detinham o conhecimento do uso das ervas mágicas”.

Assim, torna-se perceptível os contrastes entre as idealizações femininas aristocráticas atenienses e a caracterização das feiticeiras e estrangeiras, com um destaque ao uso de fórmulas mágicas. Entretanto, a diversidade e complexidade de se estudar gênero projetado em uma sociedade anterior ao conceito é tamanha que não se limita às experiências femininas. Nesse sentido, as próprias divindades femininas mais são identificadas por meio de características atribuídas ao feminino que de fato consolidam um padrão, visto que oferecem modelos de ambivalência diante das expectativas sociais. Logo, embora distinga-se masculino e feminino nas divindades, não existe plena homogeneidade. Belebony (2014), destaca como o “modelo ideal” em

Vesta (deusa romana, mas associada à deusa Héstia da mitologia grega) é de deusa imóvel, personificando o interior do lar, enquanto Atena preside áreas abertas que exigem movimento para atuar em regiões fronteiriças, montanhosas e silvestres. O mesmo ocorre para divindades masculinas, como Hermes que representa o movimento enquanto mensageiro intermediador de deuses e mortais, ao passo que Vulcano (associado à Hefesto no mito grego) permanece a maior parte do tempo dentro de vulcões.

Por fim, o feminino divide-se entre grupos de prestígio e posições de alteridade devido à origem e comportamentos, segundo concepções. Portanto, tal pesquisa de gênero – segundo Joan Scott – diante de arquétipos e idealizações, permite uma nova análise que nos leva a questionar os papéis atribuídos ao feminino e nos desperta a curiosidade sobre a outra, neste caso, estrangeiras que fazem uso de fórmulas mágicas associadas ao perigo e desconhecido.

4. Considerações finais

A partir da análise realizada, com base nos resultados e reflexões acerca do estudo, conclui-se que a mitologia grega moldou percepções de gênero e alteridade na Grécia Antiga, mesmo que por vezes de forma indireta. As complexidades relacionadas ao gênero e, especialmente diante do feminino, revelam idealizações e arquétipos, segundo expectativas. Tais contrastes refletem as tensões existentes na civilização antiga, particularmente vivenciadas pelas mulheres na *pólis* ateniense. Dentre as tensões, prestígio ou marginalização se destacam, reforçando modelos de temor e transgressão associados às mulheres fora das normas. São justamente os desafios impostos aos limites do feminino aceitável que transparecem a ambivalência, consolidando papéis, hierarquias, existências, alteridade e construção social de gênero. Sobretudo, diante de expectativas de virtude, obediência e recato, a notável dualidade permite questionar as fronteiras do feminino aceitável.

Referências

BELEBONI, Renata Cardoso. O Leito de Procusto: O Gênero na Grécia Antiga. In: **Amor, desejo e poder na Antiguidade**: relações de gênero e representações do feminino. Organizadores Pedro Paulo A. Funari, Lourdes Conde Feitosa, Glaydson José da Silva. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014. p. 141-152.

CANDIDO, Maria Regina. Mulheres Estrangeiras e as Práticas da Magia na Atenas do Século IV a.C.. In: **Amor, desejo e poder na Antiguidade**: relações de gênero e representações do feminino. Organizadores Pedro Paulo A. Funari, Lourdes Conde Feitosa, Glaydson José da Silva. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014. p. 153-169.

EURÍPIDES. **Medeia**. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. Comentário de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Editora 34, 2010 (1ª Edição).

HOMERO. **Odisseia**. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. Ensaio de Italo Calvino. São Paulo: Editora 34, 2014 (3ª Edição).

MÉNARD, René. **Mitologia greco-romana**. Tradução: Aldo Della Nina. São Paulo: Opus, 1991. v. II.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro; Revisão por Tomaz Tadeu da Silva. Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequence=1>. Acesso em 30 de out. de 2024.

SILVA, Maria Aparecida O. O Mistério da Miragem: A Mulher na História de Esparta. In: **Amor, desejo e poder na Antiguidade**: relações de gênero e representações do feminino. Organizadores Pedro Paulo A. Funari, Lourdes Conde Feitosa, Gláydson José da Silva. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014. p. 225-240.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro e ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFGS). Também agradecemos ao Laboratório de Estudos Medievais (LEME, núcleo UFGS) e ao Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA/UERJ), pela colaboração no desenvolvimento da pesquisa.